

Aldo Dinucci
(org.)

**ANAIS DO
V SEMINÁRIO
VIVA VOX**




infographics
gráfica & editora

Aracaju-SE
2018

© Copyright 2018 by Aldo Dinucci

Editoração/Capa
Infographics Gráfica & Editora - Joelma Silva

Imagem de capa
Pórtico de Epicteto

Impressão



Infographics Gráfica & Editora

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, por qualquer meio, processo ou finalidade comercial, constitui violação dos direitos autorais (Lei 9.610/98).

Dinucci, Aldo (Org.)

D583a Anais do V Seminário Viva Vox. /Aldo Dinnuci
- Aracaju: Infographics, 2018.

191p.

ISBN: 978-85-9476-130-9

1. Anais-Seminário-Viva Vox 2. Reflexão-Filosófica-Helenística
3. Lógica-Epistemologia

I - Título

CDU: 087.7 (813.7)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

VIVA VOX

Grupo de Pesquisa em Filosofia
Departamento de Filosofia - Universidade Federal de Sergipe
Contato: vivavoxsergipe@yahoo.com.br

Editorial Prometeus

Editores Responsáveis

Dr. Aldo Dinucci, VIVA VOX / DFL / UFS, Brasil
Dr. Marcos Antonio da Silva, UNIVASF

Editores Executivos

Dr. Arthur Eduardo Grupillo Chagas, Universidade Federal de Sergipe
Dr. Marcos Silva, Universidade Federal de Alagoas
Dr. Evaldo Becker, Universidade Federal de Sergipe
Dr. Marcos Balieiro, Universidade Federal de Sergipe

Comitê Científico Internacional

Dr. David Sedley, Christ's College, Cambridge, Reino Unido.
Dr. Kelli Rudolph, University of Kent
Dr. Luc Brison, CNRS - França
Dr. Ricardo Salles, Universidad Nacional Autónoma de México, México
Dr. Emidio Spinelli, La Sapienza, Roma, Itália.
Dr. Gabriele Cornelli, UnB, Brasil
Dr. Delfim Leão, Universidade de Coimbra, Portugal
Dr Miguel Ángel Rossi, Universidad de Buenos Aires. CONICET/UBA
Dr. Pedro Pablo Fuentes González, Facultad de Filosofía y Letras
Universidad de Granada, Espanha
Dr. Marcelo Boeri, Universidad Alberto Hurtado, Chile, Chile
Dra. Karla Pollmann, University of Kent, Canterbury, Reino Unido
Dr. Rodrigo Braicovich, CONICET / Universidad Nacional de Rosario,
Argentina
Dra. Esther Paglialunga, Universidad de Los Andes, Venezuela
Dr. José Luís Lopes Brandão, Universidade de Coimbra, Portugal

APRESENTAÇÃO

O presente livro contém contribuições dos pesquisadores que participaram do V SEMINÁRIO DE PESQUISA VIVA VOX, que ocorreu entre os dias 9 e 10 de novembro de 2016 em São Cristóvão e Aracaju (Sergipe). Em sua maioria, os participantes são do grupo de pesquisa Viva Vox. Os debates foram profícuos, concentrando, no primeiro dia, apresentações relativas à lógica e à epistemologia e, no segundo dia, filosofia clássica e helenística. Foi uma excelente oportunidade para a discussão de pesquisas dos pesquisadores envolvidos, que esperamos se repita nos anos vindouros. Contamos com o apoio da FAPITEC, com o qual publicamos esse trabalho.

Aldo Dinucci
(Coordenador do Viva Vox)

SUMÁRIO

SOBRE OS QUE PROCURAM SER BELOS	11
(por Antonio Carlos de Oliveira Rodrigues, Doutor em Filosofia pela PUC-SP)	
A PHANTASIA KATALEPTIKE EM EPICTETO	31
(por Marcelo Barreto dos Santos, Mestrando em Filosofia, UFBA)	
PHANTASIA, PHAINOMENON E DOGMA EM EPICTETO	43
(por Aldo Dinucci, DFL/UFS)	
NOTAS ACERCA DA REFLEXÃO POLÍTICA DE MUSÔNIO RUFO	75
(por Carlos Enéas Moraes Lins da Silva, Graduando em Filosofia/UFS)	
A ANÁLISE DO DEVER POR JAMES BOND STOCKDALE	84
(Por Joelson Santos Nascimento, IFS/SE)	
GÓRGIAS NO TEATRO EM ATENAS: A VERDADE DA EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA	95
(por Marcus Resende, Mestre em Filosofia – UFS)	
RESTRITIVISMO MEREOLÓGICO E FUSÃO NATURAL	152
(por Renato Mendes Rocha, DFL/UFS)	
NOTAS SOBRE A RETÓRICA EM DAVID HUME	163
(por Marcos Balieiro, DFL/UFS)	
TIPO, USO E PROFERIMENTO: A TEORIA DE STRAWSON E SUA CRÍTICA A RUSSELL NO ON REFERRING	176
(por Álex Deiwison Fiel de Andrade Candido, DFL/UFS)	



RESTRITIVISMO MEREOLÓGICO E FUSÃO NATURAL

(por Renato Mendes Rocha, DFL/UFS)

Introdução

Problemas filosóficos a respeito da relação parte-todo têm sido discutidos ao longo da história da filosofia, desde pelo menos Platão e Aristóteles. Na filosofia contemporânea, a compreensão desses problemas vem se beneficiando das ferramentas formais da *Mereologia Extensional Clássica* (doravante, MEC). O objetivo desse texto é apresentar notas de pesquisa sobre as diferentes respostas à *questão especial da composição* (VAN INWAGEN, 1990). Para cumprir tal objetivo, em primeiro lugar eu apresento as três principais das teorias formuladas para responder a esta questão (DORR, 2002; SMITH, 2006; SIDER, 2013), tomando como guia as premissas do argumento da vagueza (LEWIS, 1986; SIDER, 2007).

Parte do interesse pela mereologia deve-se ao fato de ela se assemelhar à conhecida teoria de conjuntos da matemática. Todavia, enquanto o domínio da teoria de conjuntos são apenas os objetos abstratos (conjuntos) e as relações entre eles (pertinência etc.), a mereologia possui um domínio mais amplo que inclui tanto objetos considerados abstratos (conjuntos, números) quanto objetos considerados concretos (particulares espaçotemporais, regiões do espaço-tempo etc.) e as relações entre esses objetos. Por isso, a

mereologia pode ser considerada como uma contraparte da teoria de conjuntos filosoficamente mais adequada para lidar com problemas metafísicos, tais como, o problema da composição material e da identidade de objetos ao longo do tempo.

Uma caracterização canônica da mereologia é aquela que afirma que a mereologia é o estudo *lógico-ontológico* da relação *parte-todo* (IMAGUIRE, 2007, p. 314). A relação parte-todo pode ser formalmente representada pelo predicado binário: Pxy , que é lido como “ x é parte de y ”.¹

Varzi (2014) caracteriza a MEC a partir dos três seguintes axiomas:

A1. Reflexividade: $\forall xPxx$

A2. Transitividade: $\forall x\forall y\forall z((Pxy \wedge Pyz) \rightarrow Pxz)$

A3. Antissimetria: $\forall x\forall y((Pxy \wedge Pyx) \rightarrow x=z)$

Em outra caracterização, van Inwagen (1994, p. 207) afirma que a mereologia pode ser vista como uma teoria geral da composição e, desde um ponto de vista mais formal, ele afirma (p. 208) que a mereologia pode ser compreendida como o estudo das consequências lógicas dos seguintes dois axiomas:

i) a relação parte-todo é transitiva;

¹ Varzi (2014, nota 6) explica a opção por se referir à relação [ser parte de] como um predicado usando letras maiúsculas ao invés dos símbolos usuais ($<$) e (\leq) adotados nos primeiros escritos modernos de mereologia.

ii) para quaisquer , há uma, e apenas uma, fusão entre esses .²

A formulação do axioma em ii) revela que a mereologia faz uso de quantificadores e de variáveis plurais (LEWIS, 1991, pp. 62-71). Isso quer dizer que um quantificador pode estar ligado a mais de uma variável, para fazer referência a mais de um objeto. Por exemplo, para dizer que há algumas bananas na mesa pode-se escrever, utilizando quantificador plural:

$$\exists xx(Bxx \wedge Mxx),$$

traduzindo B por [ser-uma-banana] e M por [estar-na-mesa] a fórmula anterior pode ser lida como “Existem alguns que são bananas e estão na mesa”. Na lógica de primeira ordem com quantificadores singulares a mesma frase seria formalizada a partir da seguinte fórmula:

$$\exists x \exists y (Bx \wedge Mx \wedge By \wedge My \wedge x \neq y)$$

Para distinguir os quantificadores singular e plural, ao invés de identificar o quantificador apenas com o símbolo “ \exists ” pode-se adotar a convenção de que “ $\exists x$ ” é o quantificador singular, enquanto “ $\exists xx$ ” é o quantificador plural. O que muda, naturalmente, é apenas o número de variáveis acompanhando o símbolo do quantificador. Embora a quantificação plural seja algo menos controverso entre os entusiastas da mereologia, o domínio desses quantificadores quando consideramos o predicado primitivo x é parte de y é alvo de disputa

² No final desse artigo de van Inwagen há uma nota explicando que a mereologia pode ser vista como consequência lógica destes dois axiomas, desde que a noção de fusão seja diferente da noção que ele apresenta no início do artigo que corresponde à Fu^* que será discutida no referencial teórico deste projeto

entre teorias concorrentes. Essa disputa é conhecida como a *questão especial da composição* que será apresentada na próxima seção.

A questão especial da composição.

Van Inwagen (1990), ao discutir a questão especial da composição, propõe a seguinte formulação:

Questão especial da composição (QEC) sobre quais circunstâncias para alguns x 's (partes) há um y (todo), tal que os x 's compõem y ?

As teorias que procuram responder a essa questão podem ser classificadas em três tipos: as *universalistas*, as *niilistas* e as *restritivas*. As teorias do primeiro tipo defendem que o domínio de quantificação deve ser necessariamente irrestrito, admitindo que quaisquer duas ou mais partes tomadas aleatoriamente compõem um novo objeto. Não importa se essas partes estão espacialmente, temporalmente ou mesmo modalmente distantes. Um universalista considera legítimo um objeto formado pela xícara que está à minha mesa e a pena utilizada por Pero Vaz para escrever a sua famosa carta. Essa é a posição conhecida como *universalismo mereológico* e seus proeminentes defensores são Lewis (1991) e Sider (2007).

A posição niilista defende o oposto da primeira, ou seja, que necessariamente a composição mereológica nunca ocorre, tudo o que existe são partes simples ou átomos mereológicos que podem ser organizados de diferentes maneiras, sem com isso

resultar em composição. Nessa teoria, as referências (existentes na linguagem) aos objetos do senso comum poderiam ser substituídas por paráfrases adequadas. Essas são as duas características da posição que Tallant (2014, p. 1512) denomina como niilismo padrão. Nesse sentido, para um niilista padrão, cadeiras, mesas e bicicletas não existem enquanto resultantes de uma operação de composição. O discurso a respeito desses objetos poderia ser substituído por expressões do tipo “átomos-organizados-na-forma-de-cadeira”. Esta é a posição defendida por Dorr e Rosen (2002) e Sider (2013).

Um terceiro tipo de posição compreende todas as demais possibilidades não contempladas pelas duas primeiras e podem ser nomeadas como teorias da composição restrita, pois defendem que é possível aplicar alguma restrição à operação de composição, ou seja, nem toda composição formaria objetos legítimos. Essa posição se apresenta como um meio termo entre as outras duas teorias apresentadas anteriormente, e de alguma forma se aproxima das aspirações intuitivas do senso comum, que parece não aceitar nem que nada é um objeto (niilismo), nem que qualquer fusão resulta em um objeto (universalismo). No entanto, o problema a ser enfrentado pelo restritivismo mereológico é saber qual é a restrição correta. Aquelas que são tipicamente consideradas são:

- a) o mero contato físico entre as partes;
- b) uma certa junção entre as partes com a qual permitisse a elas se movimentar;

c) partes formam um todo quando as partes desempenham uma função no todo.

Cada uma dessas restrições parece acomodar intuições do senso comum, embora, ao mesmo tempo, resultam em problemas indesejáveis, tais como, para a), considerar que cada vez que há um aperto de mãos entre humanos, há composição de um novo objeto. Ou, para b), cada vez que alguém sentar no banco de um carro, afivelar o cinto de segurança e sair dirigindo pela cidade, também estará resultando em um novo objeto, ou, para c), qual seria o critério para estabelecer que uma parte é funcional ou não. Por exemplo, seria o sistema de freio uma parte funcional da bicicleta, mesmo que ela possa desempenhar sua função adequadamente sem os freios?

O argumento da vagueza

Este argumento foi inicialmente apresentado por Lewis (1986, pp. 211-213) e, posteriormente, em uma versão mais sofisticada por Sider (1997; 2001). Em sua forma inicial, era um argumento contra a restrição na composição, e Sider o desenvolveu de modo a expandi-lo como um argumento que conecta o universalismo com o tetradimensionalismo.³ Por enquanto, apresento-o apenas em uma versão ligeiramente modificada da versão apresentada por Smith (2006), que é mais próxima da versão inicial de Lewis. A primeira parte do argumento é a seguinte:

³ Tetradimensionalismo é uma teoria sobre a constituição segundo a qual objetos materiais são formados por partes espaciais existentes e também por suas partes temporais.

P1: Se a composição restrita é verdadeira, então a ocorrência de composição pode ser vaga.

P2: A ocorrência de composição não pode ser vaga.

C1: Logo, o restritivismo é falso.

O argumento da vagueza procura refutar as teorias restritivas da composição a partir da crença de que há composição e que qualquer restrição colocada para a composição é vaga e, além disso, essa vagueza é fruto de uma indecisão semântica. Sendo vaga, haverá casos-limite em que a composição ocorre ou não ocorre. Uma vez que parecem haver composições no mundo, ela não pode ser vaga. Sem dúvida, a premissa mais questionável desse argumento é P1. Lewis a fortalece a partir das duas seguintes premissas adicionais:

P1a: Se a composição é restrita, então esta restrição obedece aos desideratos intuitivos.

P1b: Uma vez que os desideratos intuitivos são vagos, pois variam de acordo com a teoria adotada, então a ocorrência ou não de composição também será vaga.

A conjunção destas duas premissas adicionais, P1a e P1b, justifica a passagem de P1 para P2 e, nesse caso, a conclusão, C1, seguiria por *modus tollens*. Possuindo o argumento a forma de um *modus tollens*, se negarmos o consequente do condicional da primeira premissa, concluímos logicamente a negação do antecedente desse condicional – qualquer teoria da composição restrita é falsa (C1).

Essa é a primeira parte do argumento e que ainda não é suficiente para obter a conclusão desejada pelo universalista: a

falsidade do restritivismo e a verdade do universalismo. Da maneira que está formulado, ainda é possível concluir que o niilismo é verdadeiro, pois da rejeição de que a ocorrência ou não composição seja vaga, não está garantido que a composição ocorra. Assim, o universalista sobre composição precisa ainda incluir as premissas P3 e P4 seguintes:

P3: Há, de fato, composição.

P4: Se há composição, então o niilismo é falso.

C2: Logo, o universalismo é verdadeiro.

Da conjunção de P3 e P4, obtém-se a nova conclusão expressa em C2 que garantiria a verdade do universalismo. Até então, tudo parece correr bem para aquele que não coloca dúvida, por exemplo, sobre a verdade de P1. A verdade dessa premissa em conjunção com a crença na sentença condicional “se houver uma restrição, ela será inerentemente vaga”, conduz à rejeição das teorias restritivistas.

A resposta que o restritivista pode oferecer contra esse argumento, como a apontada por Smith (2006, p. 364), é encontrar um critério para a restrição da composição que não se submeta somente aos desideratos intuitivos. Este tem de ser um critério que se acomode com a realidade objetiva do mundo, por exemplo. A opção apontada por Smith é muito semelhante à operação de fusão natural que venho desenvolvendo desde Rocha (2017, cap. 5), uma vez que a sua proposta é baseada em uma restrição a partir das propriedades perfeitamente naturais. Smith (2006, p. 365) afirma que a ocorrência de composição também seria um bom critério para

atribuir naturalidade às propriedades, pois tanto a composição quanto às propriedades naturais compartilham um mesmo papel: trincar a realidade em suas verdadeiras articulações. De acordo com essa sugestão, P1 poderia ser reformulada do seguinte modo:

P1*: Se a composição é restrita, então a composição obedece uma restrição constituída por propriedades e relações perfeitamente naturais.

Ou, usando a definição de fusão natural:

P1^{nat}: Se a composição é restrita, então a composição ocorre apenas quando resultar de uma fusão natural.

Portanto, se a composição restrita pode obedecer a um critério preciso, P2 torna-se falsa e o argumento contra o restritivismo deixa de ser sólido.

Por fim, e surpreendentemente, a partir desta objeção possível que se apresenta ao argumento da vagueza a nova operação de fusão natural, largamente inspirada na filosofia de David Lewis, está sendo utilizada, na verdade, contra uma das teorias defendidas pelo mesmo filósofo, a saber, contra o universalismo e a favor de uma posição restritivista. De fato, este é um resultado surpresa e que precisa ser melhor compreendido e sustentado, mediante refinamentos na definição de fusão natural, a partir da busca de mais exemplos e avaliação frente a contra exemplos à definição. Resultados que apresento preliminarmente nesta nota de pesquisa e do qual constituem etapas posteriores desta investigação metafísica.

REFERÊNCIAS

- DORR, C.; ROSEN, G. Composition as a Fiction. In: GALE, R. (Ed.). *The Blackwell Companion to Metaphysics*. [S.l.]: Blackwell, 2002. p. 151–174.
- IMAGUIRE, G. Mereologia: o todo e as suas partes. In: IMAGUIRE, G.; ALMEIDA, C.; OLIVEIRA, M. (Ed.). *Metafísica Contemporânea*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. p. 400. ISBN 9788532634795.
- INWAGEN, P. van. *Material Beings*. Ithaca: Cornell University Press, 1990. 299 p. . Composition as Identity. *Philosophical Perspectives*, v. 8, p. 207 – 220, 1994. ISSN 15208583.
- JUNIOR, B. H. Composição material. In: BRANQUINHO, J.; SANTOS, R. (Ed.). *Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica*. [S.l.: s.n.], 2014.
- LEWIS, D. *On the Plurality of Worlds*. [S.l.]: Blackwell Publishing, 1986.
- _____. *Parts of Classes*. Oxford, UK: Basil BlackwellBlackwell, 1991. 155 p.
- PONTI, T. d. C. *Tetradimensionalismo e o problema da composição*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Fevereiro 2016. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/34/teses/832750.pdf>>.
- ROCHA, R. M. *Mundos possíveis, propriedades naturais e mereologia: tópicos na filosofia de David Lewis*. 161 p. Tese (Doutorado em Filosofia) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- SIDER, T. Four-dimensionalism. *Philosophical Review*, v. 106, n. 2, p. 197–231, 1997. ISSN 0031-8108. Disponível em: <<http://tedsider.org/papers/4d.pdf>>.
- _____. *Four Dimensionalism: An Ontology of Persistence and Time*. [S.l.]: Oxford University Press, 2001.

_____. Parthood. *Philosophical Review*, Duke University Press, v. 116, n. 1, p. 51–91, 2007. Disponível em: <http://tedsider.org/papers/parthood.pdf>.

_____. Against Parthood. *Oxford Studies in Metaphysics*, p. 237–293, 2013. Disponível em: <http://tedsider.org/papers/nihilism.pdf>.

SMITH, D. The Vagueness Argument for Mereological Universalism. *Pacific Philosophical Quarterly*, Wiley-Blackwell, v. 87, n. 3, p. 357–368, 2006. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/SMITVA>.

TALLANT, J. Against mereological nihilism. *Synthese*, v. 191, n. 7, p. 1511–1527, 2014. ISSN 1573-0964. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s11229-013-0343-8>.

VARZI, A. Mereology. In: ZALTA, E. N. (Ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Fall 2014. [s.n.], 2014. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/spr2011/entries/mereology/>.

VARZI, A. Mereology. In: ZALTA, E. N. (Ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Fall 2014. [s.n.], 2014. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/spr2011/entries/mereology/>.